
O humor como aliado do jornalismo na disseminação de informação de qualidade: o caso da epidemia da gripe espanhola no Brasil¹

Carina Barros LINS²

Gabriela da Silva de ANDRADE³

Adriana Maria Andrade de SANTANA⁴

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, PE

RESUMO

O objetivo deste artigo é entender de que modo o humor atuou como aliado do jornalismo no combate à gripe espanhola. Desse modo, investigamos textos jornalísticos publicados em jornais e revistas brasileiros durante o período da pandemia de gripe espanhola, entre os anos de 1918 e 1919. A partir do material coletado em veículos como as revistas *Fon-Fon* e a *Careta*, e em jornais como a *Gazeta de Notícias* e o *Correio Paulistano*, por intermédio de revisão de literatura e análise de conteúdo, identificamos as diferentes formas de humor que a imprensa utilizou para conseguir lidar com um assunto tão delicado.

Palavras-chave: Humor; Jornalismo; Gripe Espanhola; Pandemia

Introdução

No início do século XX, a imprensa assistiu ao fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), período pelo qual vários países da Europa disputavam entre si matérias primas dos territórios Afro-asiáticos (ALVES, 2021). Tal acontecimento foi um marco histórico para a humanidade, que contou mais de 10 milhões de mortes (EL PAÍS, 2018) durante as batalhas e se deparou com o surgimento da gripe espanhola no final desse conflito. Na época, a produção jornalística elaborou informações sobre o vírus ainda

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, e-mail: carina.lins@ufpe.br

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, e-mail: gabriela.sandrade@ufpe.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação da UFPE, e-mail: adriana.masantana@ufpe.br

desconhecido pela sociedade, travou uma luta entre o negacionismo da doença e utilizou o humor como um grande aliado na disseminação de informação de qualidade.

Durante o período de incertezas da gripe espanhola que pairava pelo mundo, as notícias circulavam a todo vapor nos jornais e nas revistas da época, e logo no início do mês de julho de 1918, o periódico *O Combate* (SP) já anunciava a chegada da gripe por meio de uma manchete bem irônica, sinalizando um espirito: "Atchin!... Atchin!...", (SCHWARCZ, 2020, p. 12). Essas foram as primeiras palavras bem humoradas do tabloide, que deixaram a população a par do que estava acontecendo no mundo. Foi através do uso do humor que o noticiário chamou atenção das pessoas para a epidemia que estava por vir e naquele período, o que era considerado um estranho surto de gripe já estava se transformando em uma grande *influenza*. O crescimento da doença se deu no final da Primeira Guerra Mundial e ocorreu pelo fato de que os ambientes dos campos de batalhas eram insalubres e totalmente prejudiciais à saúde, contendo também aglomerações e trânsitos entre os navios (SANTANA, 2020).

Essas questões foram o ápice para a propagação da doença. Uma manchete publicada no dia 29 do mês de setembro de 1918, no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, com a charge "Mais uma?" estampada na capa do jornal, traz a morte caracterizada com os costumes da cultura espanhola⁵ e com a mala de enfermidade nas mãos. O desenho satiriza a resposta do "funcionário" da saúde pública quando diz que não há lugar para a doença, com o argumento de que o diretor geral da saúde pública, Carlos Seidl, havia assegurado a estadia do vírus no Brasil.



⁵ A definição da gripe espanhola deu-se pelo fato da doença ter sido anunciada primeiro pela imprensa da Espanha, já que o país esteve neutro durante os conflitos de guerra. Por isso o termo foi utilizado e a charge foi associada à cultura espanhola (FGV, 2016). Disponível no endereço eletrônico: <https://atlas.fgv.br/verbetes/gripe-espanhola>

Figura 1: Ilustração da edição 00270 do jornal Gazeta de Notícias, de 29/09/1918. Fonte: catalogação do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Humor nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional

É evidente que as poucas palavras que compõem a ilustração do jornal acima passaram a mensagem para o receptor da notícia de forma clara e objetiva, deixando de lado a linguagem mais sisuda e rebuscada dos discursos jornalísticos brasileiros da época. Fica perceptível como essa ação transmitiu o riso e o humor e contribuiu para alertar sobre os perigos da doença. Mas para entender o porquê da utilização desse gênero durante a epidemia da gripe espanhola, é preciso analisar qual a função do riso na sociedade. Para Bauman (2000) é como se o riso fosse um refrigerio que livraria as pessoas do medo:

É como se o poder tivesse escolhido o riso como seu abrigo mais seguro, como se o medo quisesse mais riso para se esconder, de modo que a resistência ao poder produtor de medo fosse bloqueada antes de nascer e, se eclodisse, deixasse intacto o que é temível (BAUMAN, 2000, p.68-69).

Contudo, em se tratando da gripe espanhola a utilização do humor e do riso serviu para sinalizar a população sobre os males da *influenza*, pois na época havia muita desinformação acerca da doença. Por isso, existiram diversos conflitos atrelados ao senso comum sobre a negação da gripe, e medicamentos sem comprovação científica com o argumento de que poderiam livrar as pessoas do vírus.

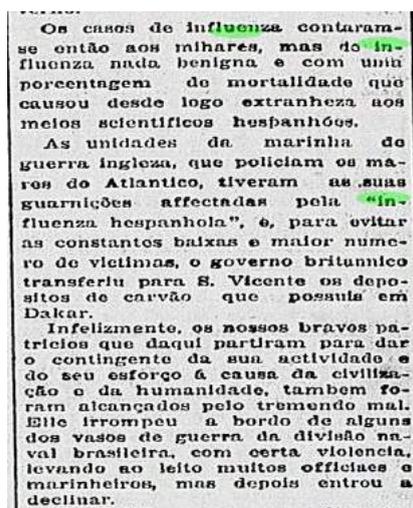
De acordo com a revista Galileu, a Organização Mundial da Saúde (OMS) constatou que nesse período morreram cerca de 50 milhões de pessoas no Brasil (SANTANA, 2020) e diante desse contexto, nos propomos a identificar como o riso e o jornalismo andaram juntos durante a epidemia da gripe espanhola, mais precisamente entre os anos de 1918 e 1919, que foram os períodos onde a doença teve o seu maior pico.

Para analisar de que modo o humor foi utilizado no discurso jornalístico nesse período, as autoras realizaram a coleta e análise da produção integral de três revistas e nove jornais brasileiros no período compreendido entre setembro de 1918 a dezembro de 1919. Esse material faz parte dos levantamentos realizados pelo Grupo de Pesquisa Jornalismo & Humor, da UFPE, e está sendo analisado à luz das teorias do Jornalismo, por intermédio da análise qualitativa de conteúdo, em que pese o fato de que “a ACA AC nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões,

preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades (BAUER & GASKELL, 2002, p.192).

A gripe nos exércitos e como o jornal e as revistas tratam isso

O vírus se propagou nas operações de guerra e deixou milhares de vítimas dentro das unidades de divisões navais (CORREIO PAULISTANO, 1918). Mas, antes da gripe espanhola chegar ao território brasileiro, a imprensa acreditava que a vacina seria descoberta, pois já existiam “suposições” de que o clima do Brasil era quente e que a doença era bem mais ambientada no hemisfério Norte (SCHWARCZ, 2020). Só que essa hipótese não foi capaz de impedir os surtos epidêmicos no território brasileiro e o vírus se espalhou, chegando ao Brasil pelo mar, através do navio inglês *Demerara*, que transportava doentes a bordo e atracou em algumas cidades do Nordeste no mês de setembro (JANASI apud SANTANA, 2020).



Os casos de influenza contaram-se então aos milhares, mas de influenza nada benigna e com uma porcentagem de mortalidade que causou desde logo estranheza aos meios científicos hespanhóes.

As unidades da marinha de guerra inglesa, que policiam os mares do Atlantico, tiveram as suas guarnições affectadas pela "influenza hespanhola", e, para evitar as constantes baixas e maior numero de victimas, o governo britannico transferiu para S. Vicente os depósitos de carvão que possuia em Dakar.

Infelizmente, os nossos bravos patriotas que daqui partiram para dar o contingente da sua actividade e do seu esforço á causa da civilização e da humanidade, tambem foram alcançados pelo tremendo mal. Elle irrompeu a bordo de alguns dos vasos de guerra da divisão naval brasileira, com certa violencia, levando ao leito muitos officiaes e marinheiros, mas depois entrou a declinar.

Figura 2: Trecho da edição 19834 (1) do jornal Correio Paulistano (SP), de 23/09/1918. Fonte: catalogação do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Humor nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional

A gripe avançou de tal modo que ficou impossível de ser controlada, a ponto de o diretor geral da Saúde Pública da época, Carlos Seidl (equivalente ao atual cargo de Ministro da Saúde), teve que tomar medidas de prevenção para proteger a população contra a doença, já que a vacina só veio a ser fabricada em 1944 (SANTANA, 2020).

No fim de setembro, alguns jornais brasileiros publicaram as determinações de Carlos Seidl⁶, que apontou a necessidade de se agir imediatamente no sentido de evitar a propagação da epidemia. E o diretor geral de Saúde Pública falou grosso; denominou a operação de “profilaxia indeterminada” e avisou: “que sejam rigorosamente desinfetados todos os navios, quer estrangeiros, quer nacionais, de procedência suspeita, bem como cuidadosamente examinados todos os passageiros. Esse serviço fica a cargo dos inspetores de saúde do porto desta capital [federal]”. (SCHWARCZ, 2020, p. 63).

A epidemia continuou se alastrando nos quartéis dos exércitos, e a bordo dos navios houve muitos casos confirmados e teorias conspiratórias de que a gripe era benigna. As especulações sem comprovação científica deixavam em evidência a negligência da doença por parte da população, dos órgãos públicos e da grande imprensa, que não soube lidar com a profusão das notícias durante esse período.



Figura 3: Trecho da edição 19853 (1) do jornal Correio Paulistano (SP), de 12/10/1918. Fonte: catalogação do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Humor nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional

Nas revistas o cenário era quase o mesmo e no mês de outubro de 1918, a *Bahia Ilustrada* publicou um artigo na edição 0011(1), com o título “Entre o Sacrificio e a Dor”, e detalhou o caos que a gripe espanhola deixou na cidade do Rio de Janeiro. Na matéria o vírus era chamado de "pandemônico", devido ao mal que ele fazia ao corpo

⁶ Em outubro, o então diretor da Saúde Pública, Carlos Seidl, admitiu a impossibilidade de controlar a gripe. No mesmo mês, ele foi demitido e substituído por Theóphilo Almeida Torres, que nomeou o médico Carlos Chagas para ficar à frente da missão de combater a influenza. Disponível no endereço eletrônico: <https://www.politize.com.br/gripe-espanhola/>

humano. Houve até invocações fervorosas aos céus por parte da população para conter a doença (SANTANA, 2020).

Junto com esse apanhado de afirmações vinham também as dicas caseiras de como evitar o contágio do vírus e diante da ausência de medidas concretas no combate e no tratamento contra à gripe, o pânico tomou conta da população brasileira devido à rápida alta de mortes. Isso levou ao cenário em que cada um teve que lidar com as suas próprias ferramentas e recursos no combate à influenza.

Humor e receitas caseiras para população: médicos ou imprensa?

A profusão de remédios caseiros e de médicos com promessas milagrosas foi intensa. Medicamentos esses que estamparam várias páginas de dois grandes veículos de comunicação carioca da época, as revistas *Careta*⁷ e *Fon-Fon*⁸; que utilizaram bastante piadas e tom descontraído para informar a população sobre a gripe espanhola.

Desconstruindo o entendimento coletivo de que ao jornalismo cabe apenas seriedade, neutralidade e distanciamento de tudo o que possa se aproximar do riso, (SANTANA, 2020) o humor utilizado nesses veículos chegou inclusive a criticar o próprio fazer jornalístico, que por vezes fortaleceu a desinformação e propagação de métodos alternativos de profilaxia e cura contra a doença. Uma charge publicada na seção ‘A Semana de Fon-Fon’, em 05 de Outubro de 1918, alfinetava a profusão de propagandas de remédios e receitas de mezinhas na imprensa:

⁷ Em seu editorial de lançamento, chamado de “artigo de fundo”, publicado na primeira edição, a revista *Careta* anunciava seu caráter editorial satírico e humorístico – presente no próprio título – e evidenciava seu desejo de atingir um público com P maiúsculo, alusão aos apreciadores do jornalismo elegante. *Careta* (6 de junho de 1908). Disponível no endereço eletrônico: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1908/careta_1908_001.pdf

⁸ A revista *Fon-Fon*, fundada em 1907, se utilizava bastante de caricaturas coloridas, charges e fotografias, litografia e xilogravura com o objetivo provocar risos e trazer alegria aos seus leitores com piadas finas e brincadeiras educadas. (DANTAS, Carolina. «FON FON» (PDF). Centro de Pesquisa e Documentação de História do Brasil Contemporâneo - Fundação Getúlio Vargas)



Figura 5: Imagem retirada do artigo “Entre o quinino e a cloroquina: ecos da gripe espanhola na cobertura jornalística sobre a pandemia no Brasil”. Fonte: catalogação do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Humor nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional.

Também na mesma revista, na seção *Rabiscos*, publicada em 02 de Novembro de 1918, destinada a crônicas humorísticas, é relatado que em um dos dias mais *lutosos* para a cidade do Rio de Janeiro, um respeitado deputado foi visto na avenida correndo atrás de um frango. Na época, a canja de galinha foi uma das receitas caseiras propagadas como sendo eficaz no combate contra a espanhola.

É importante destacar que a epidemia de gripe desestabilizou a estrutura social da época, causando impactos econômicos negativos. Influenciando diretamente no aumento dos preços dos alimentos, como destaca a figura abaixo:

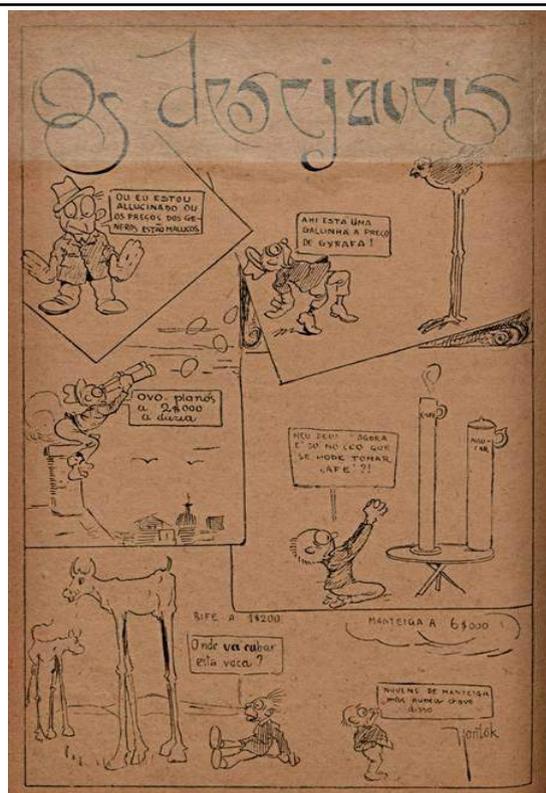


Figura 6: Edição 005 da revista Fon-Fon, publicada em 01 de Fevereiro de 1919. Crítica humorística aos preços estratosféricos de alimentos básicos como café, galinha, ovos, manteiga e leite. Fonte: catalogação do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Humor nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional.

Na luta contra o contágio da doença, também não ficaram de fora as propagandas de comprimidos Aspirina Bayer, para combater as nevralgias, dores de cabeça, resfriado, gripe e reumatismo (CORREIO DA MANHÃ, 1918). Além disso, também houve a recomendação do Xarope Peitoral de Angico Pelotense, Água Oxigenada Dioxigen, o sal de Quinino e do comprimido Cloroquinino. Medicamentos esses que foram atestados por médicos e farmacêuticos no combate contra a influenza e suas sequelas. A falta de preparo e ação por parte de alguns profissionais de saúde da época foi alvo de piada na revista Careta (Figura 9).



Figura 7: Edição 07160 (1) do Correio da Manhã, publicada em 04 de Outubro de 1918. Fonte: catalogação do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Humor nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional.



Figura 8: Edição 0539 da revista Careta, publicada em 19 de Outubro de 1918. Propaganda de ‘Água Oxigenada Dioxogen: O meio profilático mais eficaz e inofensivo contra a gripe espanhola’ (pág 36). Fonte: catalogação do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Humor nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional.



Figura 9: Edição 0539 da revista *Caretta*, publicada em 19 de Outubro de 1918. Charge critica inércia dos médicos em desenvolver a vacina contra a espanhola: "Não há motivos para que nos alarmemos com a moléstia que dia a dia se espalha e domina esta cidade! Segundo os telegrammas, um sábio francez espera cartas de Tunis, para descobrir em Paris a vacina da influenza espanhola. Esperemos com calma esta descoberta, porque os sobreviventes poderão imunizar-se quando o mal reaparecer!". Fonte: catalogação do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Humor nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional.

Em meio a ausência de métodos combativos e cientificamente comprovados contra a gripe espanhola, as pessoas recorriam a receitas caseiras e automedicação. Na busca pela imunização da doença que grassava o território brasileiro e deixava dias de angústia, não só pelo mundo, mas também pelas ruas das principais cidades do Brasil, para população em geral; distinguir homeopatia de charlatanismo nem sempre era uma tarefa fácil.

A importância do humor e jornalismo como recorte da história

Tanto na atualidade quanto no início do século 20, o uso do humor na grande imprensa (jornais tradicionais) era mínimo. Em contrapartida, na *Belle Époque* brasileira, o estilo humorístico era destaque nas revistas semanais que funcionavam como veículos de comunicação alternativa, apostando em novas formas de linguagem para atrair o público leitor e ultrapassar os limites academicistas comuns às revistas e à cultura da época. O escritor Elias Thomé Saliba destaca, em pesquisa feita no ano 2000, que humoristas dos primeiros anos do século 20 participaram intensamente do que chama de “efervescente periodismo paulista da Belle Époque”: “Todos escreveram para jornais, alguns apenas ocasionalmente, mas a maioria teve uma larga produção, sobretudo nas revistas semanais que tiveram um forte incremento nesse período”(SALIBA, 2000, p.163). Refletir e buscar formas de informar a partir de relatos de determinado período histórico é algo comum ao homem e principalmente ao trabalho

de documentação jornalística. Especialmente se tal recorte documental se desenrolar em meio a uma epidemia.

A gripe espanhola escancarou a precária situação da saúde no Brasil e a total falta de capacidade do governo de lidar com a nova doença. Diante da ausência de medidas mais concretas de combate e tratamento, a resposta foi criticar o caos com bom humor. Vale lembrar que durante a epidemia, no Brasil, ainda não existia uma rede pública de saúde estruturada. Havia apenas as Santas Casas de Misericórdia — instituições filantrópicas que, em geral, recebiam doações da sociedade e apoio financeiro dos governos estaduais —, os hospitais de isolamento e os hospitais militares. Por isso, foi preciso improvisar postos de atendimento e hospitais provisórios. (SCHWARCZ, 2020, p.331). No desespero e tentativa de prevenção, muitas pessoas recorreram às delegacias de polícia e corpos de bombeiros para pedir ajuda. É o que mostra a ilustração abaixo:



Figura 10: Edição 0045 da revista Fon-Fon, publicada em 9 de Novembro de 1918. Charge faz piada sobre homem que foi ao Corpo de Bombeiros comprar galinha e acabou com um ‘galo’ na cabeça. Fonte: catalogação do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Humor nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional.

Além de informar para a população sobre um vírus até então desconhecido, os veículos jornalísticos buscaram evidenciar através dos critérios de noticiabilidade — que são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento é passível de ser transformado em matéria noticiável (TRAQUINA, 2008) — o despreparo por parte do governo em meio a um cenário de calamidade pública e crise sanitária.

Os principais eixos noticiosos que guiaram o jornalismo brasileiro a partir do segundo semestre de 1918 até meados de outubro de 1919, foram: improvisos na saúde pública, doentes desamparados, superlotação e proibição de visitaçao nos cemitérios,

lotação das casas de apoio, doações para os mais pobres, perfis dos mortos com prestígio social, crescente medo das pessoas circularem pelas ruas, relatos sobre o desejo de esperança, seções testemunhais e prejuízos econômicos causados pela epidemia.

Considerações finais

De certo, a gripe espanhola desembarcou em nosso país na metade de 1918, e no mês de outubro rapidamente tornou-se calamidade. Mas, até hoje, não está claro quando e como a doença deixou o Brasil. Através da nossa pesquisa ficou perceptível que ela foi embora da mesma forma que chegou: de repente e quase que junto com a guerra. Estudos recentes nos quais se recuperaram fragmentos de amostras de vírus por técnicas moleculares, de corpos de pacientes que faleceram de influenza, apontam que o subtipo H1N1 responsável atualmente por gripes sazonais pode ser um descendente direto da cepa do vírus tipo influenza A que causou a pandemia do século passado (ALVIM, 2022, documento eletrônico).

Provavelmente todas as pessoas do mundo já tiveram seu contato com o vírus da gripe espanhola, seja pela terceira ou quarta geração. Trocando e mudando seus genes, ele conseguiu permanecer por mais de um século entre nós (IAMARINO, 2009, documento eletrônico). No entanto, no decorrer da nossa pesquisa também observamos que nos últimos meses de 1918 e principalmente no primeiro trimestre de 1919 quase não se falava mais sobre vítimas da espanhola. O tom que passou a guiar as notícias foi o de saudosismo em relação aos dias difíceis e de retomada da rotina.

Em uma carta com tom humorístico publicada em maio de 1919, foi mencionado o fato de a ‘epidemia ter acabado’ (CARETA, EDIÇÃO 0569 - página 05). Aos poucos, a rotina foi retornando ao normal e as pessoas voltaram a habitar os grandes centros, mas com receio de uma possível volta da gripe. Em março do mesmo ano houve desfile de Carnaval e em maio, torcedores eufóricos lotaram as ruas do centro carioca para acompanhar o Campeonato Sul-Americano de Futebol.

Além disso, o que achamos mais contundente durante a exploração da nossa pesquisa foi como o humor junto com o fazer jornalístico foi uma ferramenta necessária no combate à gripe espanhola. De tal modo, que deixou a população ciente da epidemia que estava acontecendo no mundo. Por meio de charges, ilustrações e anúncios nos

jornais e nas revistas, a linguagem jornalística se fundiu com o gênero do humor, criticou a falta de despreparo público e atuou de forma reflexiva na sociedade.

Segundo o grande cartunista e jornalista brasileiro Ziraldo:

(...) o humor é uma forma criativa de descobrir, revelar e analisar criticamente o homem e a vida. É uma forma de desmontar através da imaginação, um falso equilíbrio anteriormente sustentado pela própria imaginação. Seu compromisso com o riso está na alegria que ele provoca pela descoberta da verdade. Não é a verdade em si que é engraçada. Engraçada é a maneira como o humor nos faz chegar a ela. O humor é um caminho (ZIRALDO apud RABAÇA, 2001, p.373).

Sendo assim, o humor foi um grande aliado do jornalismo no combate à gripe e mesmo não tendo bons resultados, devido à negligência governamental e ao alto número de mortes, a imprensa brasileira mostrou os fatos sobre o caos que habitou o país ao final da Primeira Guerra Mundial.

Desse modo, as informações da mídia para a sociedade serviram como uma espécie de bálsamo na busca incansável pela cura da *influenza*. Ademais, observamos como a imprensa, através dos critérios de noticiabilidade, descreveu o sofrimento da população em decorrência do contágio do vírus e continuou exercendo uma comunicação de qualidade sobre os acontecimentos que ocorreram naquela época.

Por fim, reconhecemos que o discurso jornalístico descortinou inverdades acerca da doença e serviu como espaço democrático durante o grande conflito epidêmico. O humor despertou o senso crítico e estimulou a produção jornalística de conteúdos didáticos para a sociedade da época.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, Maria. **Imperialismo e a partilha da África: entenda!** 2021. Disponível em < <https://www.politize.com.br/imperialismo-e-a-africa/> >. Acesso em 18 de junho de 2022.

ALVIM, Mariana. **H1N1 pode ser descendente de vírus que causou pandemia de gripe em 1918.** 10 de maio de 2022. Disponível em < <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/h1n1-pode-ser-descendente-de-virus-que-causou-pandemia-de-gripe-em-1918,56152cefd10d691b97a0616da1fbf828o8vqoa40.html> >. Acesso em 02 de julho de 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política.** Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUER, Martin W; GASKELL, George (editores). Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

CARETA. **Cartas tabarôas**. Edição 0569 - p. 5. de maio de 1919. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em < <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=083712&pagfis=21456> >. Acesso em 12 de junho de 2022.

CARETA. **Dioxogen**. Edição 0539 publicada em 19 de Outubro de 1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em < <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=083712&pagfis=20647> >. Acesso em 11 de junho de 2022.

CARETA. **Congresso Médico**. Edição 0539 publicada em 19 de Outubro de 1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em < <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=083712&pagfis=20634> >. Acesso em 11 de junho de 2022.

CORREIO PAULISTANO. **Os surtos epidêmicos nas unidades da divisão naval brasileira em operações de guerra - As medidas tomadas pelo senhor Ministro da marinha**. Edição 19834 (1) de 23 de setembro de 1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pagfis=47857 >. Acesso em 09 de junho de 2022.

CORREIO PAULISTANO. **A epidemia da gripe continua a grassar, de preferência nos quartéis e a bordo dos navios surtos no porto - outras notas**. Edição 19853 (1) 12 de outubro de 1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pagfis=48048 >. Acesso em 09 de junho de 2022.

CORREIO DA MANHÃ. **O máximo da eficácia**. Edição 07160 (1) de 04 de outubro de 1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&Pesq=gripe%20hespanhola&pagfis=36925 >. Acesso em 15 de junho de 2022.

EL PAÍS. **As 15 imagens que resumem a Primeira Guerra Mundial**. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/11/album/1541942101_349984.html#foto_gal_1> . Acesso em 05 de junho de 2022.

FON-FON!. Ano XXII, Número 40, de 05 de outubro de 1918. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=31190> >. Acesso em 11 de junho de 2022.

FON-FON!. **Os desejáveis**. Edição 005 publicada em 01 de Fevereiro de 1919. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em < <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=32196> >. Acesso em 11 de junho de 2022.

FONFON. **A semana de “Fon- Fon”**. Edição 0045 publicada em 9 de Novembro de 1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em < <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=31474> >. Acesso em 11 de junho de 2022.

GAZETA DE NOTÍCIAS. **Mais uma?**. Edição 00270, de 29 de setembro de 1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em < http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pagfis=45194 >. Acesso em 05 de junho de 2022.

IAMARINO, Átila. **H1N1, mais de 90 anos entre nós: a origem e história desse vírus**. 2009. Disponível em < https://www.blogs.unicamp.br/rainha/2009/08/h1n1_mais_de_90_anos_entre_nos/ >. Acesso em 18 de junho de 2022.

JANASI, Lígia. **Gripe espanhola: a pandemia do século XX**. 25 de março de 2020. Disponível em < <https://www.politize.com.br/gripe-espanhola/#:~:text=Essa%20situa%C3%A7%C3%A3o%20foi%20diferente%20com.chamada%20de%20%E2%80%9Ca%20espanhola%E2%80%9D> >. Acesso em 10 de junho de 2022.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação: Nova edição revista e atualizada**. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2001.

SANTANA, Adriana. **Entre o quinino e a cloroquina: ecos da gripe espanhola na cobertura jornalística sobre a pandemia no Brasil**. Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa .v.7.e 17.061.026, p.1 - 32, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/17061/209209213947> >. Acesso em 02 de julho de 2022.

_____. **Alegria Subversiva - O riso no discurso jornalístico e a redução do medo em sociedades conservadoras**. [No prelo]. p. 1-22, 2020.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística do dilema brasileiro - da belle époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. **A bailarina da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. **A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2008.